

o apelo desejante ou o roteiro improvável para uso dos ratos de biblioteca

nilson oliveira*

“A leitura faz do livro o que o mar e o vento fazem da obra modelada pelos homens: uma pedra mais lisa, o fragmento caído do céu, sem passado, sem futuro, sobre o qual não se indaga enquanto é visto. A leitura confere ao livro a existência abrupta que a estátua parece reter do cinzel: esse isolamento que a furta aos olhos que a vêem, essa distância altaneira, essa sabedoria órfã; que dispensa tanto o escultor quanto o olhar que gostaria de voltar a esculpi-la.”

Maurice Blanchot

A escrita, fala-se da escrita literária que faz revelar o estilo e a força de cada um que nela se enreda. Na maioria das vezes, a escrita deixa poucos rastros das inúmeras implicações, das dúvidas, dos impasses, dos vácuos, sobre a realidade em que foi tecida. Lautréamont e Paulo Plínio Abreu são casos implícitos dessa realidade. Celine

* Editor da revista literária Polichinello. www.polichinello2004.blogger.com.br.

reescreveu um sem-número de páginas, podendo de pouco a pouco, até alcançar o ponto essencial de *Viagem ao fim da noite*; Kafka, em seu *Diário*, narra as situações mais estranhas e adversas que atravessou para edificar sua obra; Robert Musil atravessou a vida inteira e não teve por concluído o seu *Homem sem qualidades* (romance de uma vida, beleza sem igual na sua realidade de obra-falha, *não-concluída*). Nessas obras, e em muitas outras dessa natureza, ficam para trás as dobras mal fechadas de uma ferida que dilata uma espécie de *não-confissão*, segredo mal amarrado, mas ainda assim algo não acessível nem mesmo ao leitor mais atento, que só o escritor sabe, e por vezes ainda sofre por não conseguir dele se livrar, e que vai estar presente em seu próximo livro ou que vai arrastá-lo até ele. Dessa experiência, Mallarmé disse, escrevendo a um amigo: “sinto sintomas inquietantes causados só pelo ato de escrever”; mas, por vezes, tal como o fizeram Kafka e Joubert, o escritor lança mão antes para se aliviar do que para dividir um segredo do seu *Diário*; o diário não é essencialmente confissão, algo relatado em primeira pessoa, mas um memorial, espaço em que se relata o percurso de uma narrativa, tal como vimos nos *Diários* de Maria Gabriela Llansol.¹ Nesses casos, as reminiscências do autor cedem lugar às experiências literárias. Através dos diários, o autor descreve os rastros e vestígios da sua fonte, mas fazendo jorrar na sua narrativa a força que resiste e atravessa os tempos. São textos que nos tiram do lugar, que nos provocam. Escrever é um desafio de criação de uma ética que nos convida a nos transformar em meio à própria escrita. Não se trata de um compromisso com “o belo”, mas de um compromisso com a vida, que pulsa por entre os textos, com uma potência de solidariedade que nos conduz a um devir-outro: estrangeiro, estranho ou o que for. A escrita, então, torna-se uma experiência que não coincide com a razão, com a inteligência, com a erudição. Mas com

O apelo desejante ou o roteiro improvável para uso...

uma proliferação de fluxos: de linguagens, de pensamentos, que transcorrem linha a linha pelas veias abertas do acontecimento, que no texto literário se faz revelar, incidindo, pela leitura, numa superfície que nos força a pensar e seguir em frente. Na literatura, a leitura é tão fundamental quanto a escrita, pois é a leitura que reconhece o livro (sua força, suas cintilações) — é a leitura que atravessa o abscesso do livro e mergulha no coração da obra de arte. Essa viagem remete o leitor a um espaço outro: o espaço inominável da escritura, o espaço onde só a obra persevera; a obra lapidada na sombra, apartada das representações do mundo, acessível somente a um leitor anônimo. Só esse leitor possui a força afirmativa que consente ao livro o poder de existir. Só esse leitor assegura à escrita a condição de obra de arte e mantém com ela uma intimidade desejante que recusa, a qualquer custo, reconhecer o livro fora de qualquer conceito que não seja o de obra de arte. Ler, no sentido da leitura literária, não tem outro objetivo senão o da própria leitura. Nada, fora desse invólucro, atrai a atenção daquele que nessa jornada se remete, perfilada por assombros e fruições. Não há nada mais perigoso que a escrita. Sim, a ameaça contida nas linhas que avançam com violência, nos arremessando para uma atmosfera que nos comprime contra o tempo. O que se passa no interior do livro, isso não se sabe, nem mesmo aquele que escreve, porque o faz desenganado de qualquer objetivo. A escrita é contagiosa. Aquele que escreve agoniza. Aquele que lê persevera: ler, ver e ouvir a obra de arte exige mais ignorância que saber, exige um saber que se nutre de uma imensa ignorância e um dom que não é dado de antemão, que é preciso cada vez receber, adquirir e perder, no esquecimento de si mesmo. E depois de consumida, essa escrita evapora sem deixar rastro, sem formação, sem nada. Só o silêncio. Talvez algumas parcas lembranças que se apagarão à

medida que o leitor se confrontar com a violência de um outro texto, e outro, e outro. A leitura em esfera de sucessiva continuidade alcança a intimidade do *vício*; torna-se algo tão fundamental quanto um cigarro ou um café. Faz parte da vida daquele que lê. E aos poucos vai atravessando como um câncer que evolui no corpo até o extremo da morte. Ler literatura é entregar-se ao delírio desta possibilidade, é mergulhar no fascínio enquanto o texto é consumido, digerido sem economia. Não se erige literatura com boa vontade, não se lê literatura com boas intenções. Escrever, engendrar literatura significa mergulhar no coração da escrita e escrever com todos os sonhos, com todo o corpo; escrever com a tinta que vaza das artérias: “a escrita que não consola, nem salva ninguém da verdade.” Nada em relação à escritura se assemelha à experiência sofrida por Artaud: “escrever ou morrer, mas escrever e morrer, escrever até a morte, escrever a sua própria morte.” Artaud pensa a escrita como “um ato de dejeção do ser”; a escrita, nessa esfera, dilacera a face daquele que escreve. Artaud imprime a escrita-rostos-em-desfazimento. Ela desfaz “o rosto como território da arte, de todas as artes”; desfazer o rosto para erigir o devir-escrita: “uma escrita de liberdade, uma escrita não mais contra o organismo, mas sem organismo.” Desfazer o rosto para gerar pensamento: pensamento evasão, sem sair do lugar. A escrita de Artaud fratura o muro que aparta obra e leitor, sua força verte os contornos do livro e age direto no corpo, contra o corpo; contrai as vísceras, suja a alma. O leitor que se alimenta dessa escrita não está imune às suas irradiações, não sai ileso: “você vão ter que estar prontos, como eu, para queimar todas as formas.” Queimar a forma para aliviar o corpo, queimar a carne para evacuar deus: matar deus e com ele sua criação. Inventar um outro homem para salvá-lo de deus. No espaço literário, o escritor só pertence à sua obra e a ela

O apelo desejan­te ou o roteiro improvável para uso...

está condenado: sem deus, sem razão, sem identidade. A obsessão da obra arrasta aquele que escreve pra um extremo onde a morte não é um limite intransponível. Solitário, apartado do mundo e das coisas, o escritor se lança à viagem da escrita. Viagem ao infinito da obra: “a nossa viagem é inteiramente imaginária. É essa sua força. Ela vai da vida à morte.” Essa viagem é signifi­cante, forte, não permite outra opção, não é do caminho para a morte, mas morte certa: morte aos poucos, *morte a crédito*; morte do autor, regozijo do leitor, mas um gozo sofrido, arrancado, página por página, das entranhas do livro; livro que traz nas suas linhas a selvageria da arte, o devir selvagem, a escrita arte: “O livro que tem sua origem na arte não tem sua garantia no mundo, e quando é lido, nunca foi lido ainda, só chegando à sua presença de obra no espaço aberto por essa leitura única, cada vez a primeira, cada vez a única”; a leitura que atravessa o espaço do signifi­cante, a fadiga dos códigos, as interpretações dos especialistas que “pensam” a escritura a partir de uma atmosfera fechada; que investem na escritura valendo-se ou de uma análise ideológica ou de uma leitura publicitária ou de uma interpretação psicológica, que busca na obra um significado social, uma gênese traumatizante ou um objeto de mercado, passiva de elogios hiperbólicos ou de críticas demolidoras. Em ambos os casos a escrita está apartada de uma possibilidade artística. No espaço literário, a leitura é tão fundamental quanto a escrita, pois é a leitura que reconhece o livro: a leitura do fora, a leitura diletante, a leitura que atravessa o abscesso do livro mergulhando no delírio da obra.

Nota

¹ Maria Gabriela Llanosol. Escritora portuguesa. Escreveu alguns livros em forma de diário, entre eles: *Finita. Diário II*. Lisboa, Rolim, 1987 e *Um Falcão em Punho. Diário I*. Lisboa, Rolim, 1985. Fragmentária, singular, a escrita de Llanosol fratura os limites entre a memória e a ficção, fazendo de suas obras espaços de experimentações que buscam o além da linguagem, o impronunciável, a palavra em estado libidinal. Em uma de suas narrativas nos diz: “nada se pode dizer com o sexo, mas é com ele que se diz, tal a folha com o lápis.”

RESUMO

A escuta e a leitura sem organismos.

Palavras-chave: Escritores, leitores, arte.

ABSTRACT

Listening and reading without organisms.

Keywords: writers, readers, art.

Recebido para publicação em 10 de novembro de 2005 e confirmado em 6 de fevereiro de 2006.